

Apresentação

Retomando publicação da revista *Em Pauta*, escolhemos apresentar textos que polemizam o conceito de musicologia principalmente através do alargamento considerável das fronteiras desta venerável disciplina. Com profundo senso de gratidão externamos nossos agradecimentos aos autores que nos permitiram traduzir seus textos para o português tornando-os assim mais acessíveis a uma gama mais abrangente de interessados no conhecimento musical. Da mesma forma, não poderíamos retomar esta publicação sem a contribuição inestimável dos tradutores que se esmeraram no cuidado com as escolhas de termos, algumas muito desafiadoras.

Foram longos meses no qual todos nos empenhamos não só no estudo e na compreensão do texto original, bem como na manutenção do sentido mesmo sabendo que esta é uma tarefa impossível. O número duplo da revista *Em Pauta* inicia com três das seis palestras que David Huron apresentou em Berkely, California em 1999. Decorrida mais de uma década, o conteúdo das conferências se mantém jovem e relevante. Apresentadas com sucesso e repercussão na costa do Pacífico, as proposições inventivas e instigantes de Huron sobre música, musicologia e, sobretudo o alcance e as implicações da musicologia cognitiva reverberam nas propostas de Parncutt. O musicólogo europeu, por sua vez, aponta para possíveis entraves que posicionamentos institucionais anacrônicos e inflexibilidades metodológicas poderiam causar à musicologia e nos convida a enfrentar estes desafios com renovações e oxigenações que incluem um entendimento mais criativo dos limites da disciplina. No conjunto, os quatro primeiros textos propõem uma visão mais ampla de possibilidades de pesquisa em música e do entrosamento entre as áreas diferenciadas, mas não díspares do conhecimento.

Ao acolher executantes, incluindo os instrumentistas da música clássica ocidental, como legítimos integrantes da tribo, a musicologia cognitiva discutida nos textos anteriores não só agrega o estudo da prática deliberada ou efetiva mas valoriza o intérprete como elo vital nesta cadeia. Nessa perspectiva, incluímos dois dos textos de Chaffin e seus colaboradores visto que espelham este posicionamento discutido através dos métodos da psicologia da música. Um dos textos aborda diretamente o aspecto objetivo, experiencial, para não dizer crucial na trajetória do executante, a aprendizagem para a execução de memória. O outro discute as bases da memória e ao explicar como os vários tipos de memória podem ser organizados para assegurar o desempenho em alto nível de excelência do músico, desmistifica a proeza sem agredir. Ao contrário, retrata a elegância da tarefa e a complexidade no manejo dos dados. São dois textos fundamentais visto que a atuação do músico é o objeto primordial da pesquisa.

Para fechar o volume duplo, dois textos homenageiam a mesma obra de Brahms, as Fantasias op. 116. Declarando a primazia de suas intuições e da sua experiência prévia com a obra em recitais, Rink reúne neste texto os conhecimentos do artista e do analista. Amparado na profundidade de seus conhecimentos analíticos bem como na sua sólida experiência de pianista atuante, discute detalhadamente sobre a rítmica, a métrica e a proporção temporal. Formando um diálogo entre escritos, Zélia Chueke apresenta suas considerações analíticas contrastantes e complementares desta mesma coleção que, ao levar em consideração o intérprete, também presta homenagem aos seus mestres, incluindo aqueles de formação scenkeriana.

Cristina Capparelli Gerling
Porto Alegre, 2012